



Qualis A3 ISSN: 2178-2008

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [DOAJ](#)

Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros



Karl Marx: A Crítica à Economia Política como Crítica ao Capitalismo

Karl Marx: The Critique of Political Economy as a Critique of Capitalism

Gustavo Javier Castro¹

<https://orcid.org/0000-0002-7639-0514>

<http://lattes.cnpq.br/1091127369557989>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: gustavo@institutoprocessus.com.br

Alejandro Gabriel Olivieri²

<https://orcid.org/0000-0003-1068-8614>

<http://lattes.cnpq.br/1921746316087755>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: aleoli61@gmail.com

Lourivânia de Lacerda Castro³

<https://orcid.org/0000-0002-1331-563X>

<http://lattes.cnpq.br/2753561242350807>

Centro Universitário UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: lourivania.lacerda@institutoprocessus.com.br



Informações da publicação

ISSN: 2178-2008

Recebido em: 03-04-2026

Aceito em: 08-05-2026

Publicado em: 14-05-2026

Palavras-chave:

Karl Marx.

Economia Política.

Crítica.

Capitalismo.

Keywords:

Karl Marx

Political Economy

Critique

Capitalism

Resumo:

A teoria crítica da economia política como crítica ao capitalismo. Os componentes ideológicos na hermenêutica da teoria marxiana. A Luta de Classes no *Manifesto do Partido Comunista*. Análise dos conceitos de “materialismo histórico” e de “alienação”. A visão do Estado-nação dentro do contexto da sociedade internacional. A análise de Marx das relações internacionais: a luta de classes na sociedade internacional.

Abstract:

Critical theory of political economy as a critique of capitalism. The ideological components in the hermeneutics of Marxian theory. Class struggle in the Manifesto of the Communist Party. Analysis of the concepts of “historical materialism” and “alienation.” The conception of the nation-state within the context of international society. Marx’s analysis of international relations: class struggle in international society.

¹ Possui graduação em Filosofia - Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso (1987), mestrado em Ciência Política pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1991), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1993) e doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008).

² Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília? UnB (2009), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina? UFSC (1995), Bacharel em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires? UBA (1985).

³ Mestre em Direito- LL.M.EUR European Legal Practice/ Joint Degree pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2009), especialista em Direito Público pelas Faculdades Integradas do Planalto Central (2011) e Direito Previdenciário pelo Instituto Nacional de Ensino Superior e Pesquisa (2016). Advogada e professora das disciplinas Direito Administrativo e Introdução ao Estudo do Direito.

1.Introdução

O estudo das ideias filosóficas, políticas e econômicas de Karl Marx apresentam uma complexidade bastante grande, nem tanto pelo conteúdo do seu pensamento, que já em si mesmo é complexo, mas também porque é um autor que tem como eixo central da sua cosmovisão filosófica a ideia de que a filosofia não somente deve interpretar a realidade, mas também deve ter o papel de *transformar a realidade*. Isto, claro, levou a que Karl Marx seja o pensador que mais impacto prático sobre a *práxis política*, mais influência direta teve com a conformação do mundo que veio pouco depois da sua morte. (Marx, 2012)

Marx é um pensador que tem uma influência extraordinária até hoje nas análises que visam compreender a estruturação das sociedades capitalistas contemporânea. Entretanto, isso implica que eleva o grau de complexidade, porque traz muitas confusões interpretativas sobre sua obra e traz também no seu bojo os aspectos ideológicos na hermenêutica deste autor. Iremos tentar despirmos de qualquer preconceito para conseguir repassar de uma maneira sintética, porque não tem outra forma no curto espaço que temos neste artigo, mas de forma clara e não preconceituosa, o pensamento do filósofo alemão Karl Marx, também considerado como um dos quatro grandes pensadores que terminam por formalizar aquilo que nós chamamos da ciência social por excelência, que é a sociologia. Além de Karl Marx, os franceses Augusto Comte e Emile Durkheim, e o alemão Max Weber são considerados os quatro fundadores da sociologia como campo de estudo autônomo, tendo como alicerce o pensamento anterior do Montesquieu.

Antes de avançar no artigo, comentaremos algumas questões introdutórias. Em primeiro lugar, vamos nos referir aos aspectos *ideológicos* que terminam por confundir a análise do pensamento de Marx. E, posteriormente, falaremos de alguns conceitos que são fundamentais dentro da sua teoria sociológica, como é o conceito de “materialismo histórico” e o conceito de “alienação”. Também vamos analisar qual é a visão que Marx tem do Estado-nação dentro do contexto da sociedade internacional.

2. Os componentes ideológicos na hermenêutica da teoria marxiana

Sobre a questão ideológica, é importante lembrar que sobre a base do pensamento de Marx, serão fundados alguns Estados-nação que terão um papel fundamental em todo o século XX. O hiato fundamental que dá origem a este movimento é a Revolução na Rússia de outubro de 1917, a Revolução Bolchevique, que provoca a morte do Zar Nicolau II e toda a sua família. Depois desse acontecimento surge a União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a ex-União Soviética, que terá duração até o final de 1991, como consequência direta da queda do Muro de Berlim em 1989.

Posteriormente, em 1949, há outra revolução na China que também vai construir a sua visão de mundo a partir de algumas das ideias que Marx estabelece. E aí, então, começa uma divisão ideológica no mundo, em que se opõe a esta visão, digamos assim, marxista do Estado e da sociedade, a cosmovisão capitalista.

E durante pelo menos 70 anos, ocorreu a chamada “Guerra Fria”, em que o mundo se dividiu em duas partes bem definidas, dois blocos coesos, em um jogo de soma zero, isto quer dizer, o que um dos blocos ganha, necessariamente o outro perde. O bloco socialista, por um lado e um bloco capitalista, por outro. De um lado, temos a União Soviética e a China, com todas as suas diferenças e disputas entre eles, mas os dois do

mesmo lado ideológico, e, por outro lado, um bloco encabeçado pelos Estados Unidos e seus aliados, fundamentalmente a Europa e o Japão.

Esta disputa ideológica contamina qualquer tipo de análise que possamos fazer da obra de Marx, levando a análises viesadas e, assim, a conclusões erradas. Por exemplo, dentro da extrema direita, existe uma corrente que é o anarcocapitalismo, que entende que o inimigo fundamental da sociedade, aquele que tem que ser eliminado para ter uma sociedade mais libertária e os homens serem livres, é o Estado. Bom, esta afirmação poderia ser extraída perfeitamente dos escritos de Marx, pois o autor afirma exatamente essa ideia em alguns dos seus escritos.

No entanto, não somente disputas ideológicas contaminam a análise objetiva do pensamento de Marx. Além disso, tem uma outra confusão. Lembremos que Marx nasce em 1812 e morre em 1883, no final do século XIX. Marx morre na Inglaterra e em Londres está seu túmulo. Não é por acaso que ele decide se exiliar na Inglaterra, e viver em Londres, após ter passado por alguns outros países. Inglaterra era o país onde o capitalismo tinha surgido junto com a revolução industrial e tinha alcançado o seu maior apogeu e desenvolvimento. E era lá, na própria Inglaterra, onde Marx entendia que podiam se dar as condições objetivas e subjetivas para a revolução proletária. Isso não ocorreu e morreu lá. A Revolução ocorreu em um outro lugar impensável e impossível para Marx.

Estamos aqui citando alguns nomes que seguramente são por todos conhecidos. Primeiro o de Vladimir Lenin, que é o fundador da União Soviética, e o pai da Revolução Bolchevique de outubro. Posteriormente, Stalin, que vai suceder a Lenin no comando da Revolução Russa de 1917. Lembremos que em 1917 estávamos no meio da Primeira Guerra Mundial, que começa em 1914. Mao Tse Tung, o líder da revolução comunista na China em 1949. Trotsky, que foi um dos revolucionários da Revolução Bolchevique de 1917, mas que teve que fugir para se refugiar no México, país onde foi assassinado ao mando de Stalin, com o qual tinha graves diferenças políticas e ideológicas. Outro pensador, só para mencionar alguns, tem muitos outros, é Antônio Gramsci, o comunista e revolucionário italiano.

Todos estes autores são considerados *marxistas* e de fato o são, no sentido de que eles bebem do pensamento de Marx, mas eles não são Marx. E, na verdade, muitos deles refutam o pensamento original de Marx, em vários aspectos. Por exemplo, em relação a Lenin, Marx entendia que a revolução aconteceria justamente naquela sociedade em que o capitalismo fosse mais exitoso e mais avançado economicamente, porque seria aí que as contradições de classe iriam acontecer, o que daria lugar à revolução. Marx entende que as fases da história, como um bom hegeliano que ele é, correspondem a uma estrutura socioeconômica específica. Então, não é a vontade humana que faz as etapas da história.

Lenin, por sua vez, organiza a Revolução Comunista em 1917 na Rússia, que era na sua época, basicamente, uma sociedade feudal. Portanto, ainda não era uma sociedade em que a Revolução Industrial tivesse chegado e avançado, e tivesse surgido o capitalismo como tinha acontecido na Inglaterra. Lenin afirma, e já se afastando de Marx, que isto foi possível via a vanguarda organizada do povo, o VOP, que criou as condições subjetivas necessárias para a revolução. No nosso entendimento, não existe na obra de Marx uma ideia deste tipo porque não seria numa sociedade feudal camponesa, não industrializada, que a revolução iria surgir.

Seguindo com outro exemplo, Marx tem uma visão negativa do Estado. O Estado é um aparelho de poder classista, um “aparelho ideológico”, que possui o uso da força e, portanto, sempre haverá uma classe -a classe dominante- que vai se apoderar do Estado e o usará para a dominação das outras classes subordinadas. Então, o que se deve fazer para eliminar a luta de classes? Bom, nada mais lógico que a eliminação do Estado. E, portanto, uma volta a um Estado de natureza pré-estatal. E essa sociedade sem Estado é justamente o que Marx chama de sociedade comunista. Então, quando o proletariado toma o poder, o que tem que fazer quando se defronta com Estado classista? Lembremos que o proletariado é a classe que não tem nenhum meio de produção, não tem nada a perder, precisamente no processo de desmantelamento do Estado. O objetivo da etapa socialista da história é, portanto, o desmantelamento do Estado, que é justamente o contrário que o Lenin e, depois, o Stalin fazem, que é uma centralização, um empoderamento e um fortalecimento cada vez maior do Estado. A pessoa que não tem um conhecimento cabal disso entende que Stalin era a mesma coisa que Marx, que Lenin era a mesma coisa que Marx, e não o são.

O Mao Tse Tung fez a revolução na China. Quem foi o agente da revolução chinesa? Os proletários? Não, porque não havia indústria. China é um país agrícola em 1949. Quem faz a revolução na China em 1949 são os camponeses. O que teria ficado uma coisa muito estranha no entendimento de Marx, porque os camponeses não são proletários. Por que não são proletários? Porque eles têm nas suas mãos meios de produção. Quais são os meios de produção que os camponeses têm? A terra. Meio de produção fundamental. Então, o maoísmo é um maoísmo. Não é o marxismo original.

Trotsky nos fala da *revolução permanente*. Trotsky não entende que existe essa questão de etapas da história que têm que ser seguidas e que cada etapa tem seu amadurecimento. Trotsky nos fala da revolução permanente. O Trotskismo é Trotsky, não é Marx. Como o marxismo-leninismo é o marxismo-leninismo e não é Marx. E com o stalinismo acontece de maneira similar e com o maoísmo também.

O pensamento de Marx é profundamente hegeliano. Marx afirma que na sociedade é possível identificar uma estrutura e uma superestrutura. A superestrutura surge da estrutura. A estrutura é o que? É a base socioeconômica em que se sustenta a sociedade como um todo. E então, o âmbito da religião, dos valores, da cultura em geral, da educação etc., tudo isso surge ou está diretamente ligado à estrutura. Não existe qualquer superestrutura para qualquer estrutura. É uma ideia bastante hegeliana. O que diz Gramsci? Diz que existe uma via de dupla mão. Por isso o trabalhador cultural, o “intelectual orgânico”, é fundamental no pensamento de Gramsci, porque ele entende que isso pode mudar. Da superestrutura pode-se mudar também a estrutura. Esse é Antônio Gramsci, não é Marx.⁴

Então, essas são as duas grandes dificuldades. A luta ideológica que ocorre em grande medida em todo o século XX e continua até hoje, apesar de que não existe mais a União Soviética, apesar de que não existe mais Guerra Fria, apesar de que caiu o muro de Berlim em 1989. Apesar de tudo isso, nós vemos claramente como continua, de alguma forma, esta guerra ideológica que contamina uma análise rigorosa do discurso de Marx, tanto quanto pensar que autores que são pós-Marx, com ideias que são originais deles,

⁴ Seguindo com o raciocínio, poderíamos mencionar os diferentes autores da Escola de Frankfurt, da primeira metade do século XX. Poderíamos mencionar Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Erich Fromm. Todos eles pensadores da primeira geração da Escola de Frankfurt, que também são, de alguma maneira, marxistas. Mas não são Marx.

refletem exatamente as ideias de Karl Marx. Então tem que ter essa questão bastante clara para fazermos, como já falamos, uma análise o mais objetiva possível do pensamento do próprio Marx.

3. A Luta de Classes no *Manifesto do Partido Comunista*

No início do *Manifesto do Partido Comunista*, um livrinho pequeno, que na verdade era um panfleto político encomendado para Marx e Engels, que em pouco se parece às grandes obras do Marx maduro, como o *Das Kapital*, sua obra de economia política fundamental, Marx apresenta dois conceitos fundamentais para entender a sua teoria política. (Marx e Engels, 2025)

O autor afirma que a sociedade que está analisando, estamos na segunda metade do século XIX, tem características bem específicas: trata-se da sociedade capitalista, de um capitalismo que está nascendo em alguns poucos países europeus. O capitalismo na segunda metade do século XIX não é o capitalismo que nós vivemos hoje, na primeira metade do século XXI. Muita água passou embaixo dessa ponte. Trata-se de um capitalismo, por assim dizer, iniciante e incipiente, por isso mesmo, muito selvagem. Um capitalismo onde não existe a carga mínima de trabalho por dia, nenhum tipo de assistência, nem ajuda social para os trabalhadores, condições de trabalho absolutamente insalubres, não existem limitações para, por exemplo, o trabalho infantil etc.

Marx, analisando essa sociedade, que é a sociedade capitalista da segunda metade do século XIX, afirma que existe uma classe, a *burguesia*, isto é, a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que contratam e empregam o trabalho assalariado. Os capitalistas são donos, proprietários dos meios de produção. Que são os meios de produção? a terra, as máquinas, claro, o capital, o dinheiro etc. E essa classe, que é a classe burguesa emprega o trabalhador assalariado para produzir. Paga salário para alguém produzir, mas é ela que possui os meios de produção.

Entretanto, existe outra classe, em contraposição à anterior, o *proletariado*, a classe dos trabalhadores fabris, os assalariados modernos, que, privados dos meios de produção próprios, se veem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir. Então, o proletariado o único que detenta é a sua *força de trabalho*. E ele, para sobreviver, vende sua força de trabalho, em princípio como mais uma mercadoria, no mercado de trabalho para os burgueses, que interagindo com meios de produção da sua propriedade, geram o processo de trabalho moderno. Disto, então, derivam-se algumas questões que é necessário mencionar.

Segundo Marx, a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a *história das lutas de classes*. Então, desde o início da história propriamente tal, e novamente observe-se o hegelianismo de Marx é neste ponto, desde o primeiro tipo de Estado, de organização estatal que nós conhecemos que é a sociedade escravista, o que sempre existiu é a história da luta de classe. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo. Numa palavra, opressores e oprimidos em constante oposição têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada, uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira ou pela destruição das suas classes em luta. Em outras palavras, a história demonstra que existe um processo revolucionário em que se passa de um tipo de sociedade para outra, ou que simplesmente esta luta leva à destruição total da sociedade. Estas ideias centrais estão presentes no *Manifesto do Partido Comunista*. (Marx e Engels, 2025)

A sociedade burguesa moderna quebrou todas as estruturas da sociedade feudal, mas não aboliu os antagonismos de classes. Surgem assim novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta, muito diferentes das que existiram no passado. Se antes existiam o senhor feudal, o barão e o servo, que eram as classes antagônicas no período feudal, hoje existem outras classes antagônicas que são a *burguesia* e o *proletariado*.

Em resumo, a nossa época, a época do capitalismo da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas, a burguesia e o proletariado. Os que têm os meios de produção, os que têm o capital, os que têm as terras, os que têm as máquinas, os que têm as fábricas, os que têm a propriedade dos meios de produção, e aqueles que não têm outra coisa a não ser sua força de trabalho, que precisam vender no mercado para poder sobreviver. Esta é a situação do capitalismo na segunda metade do século XIX, segundo o entendimento de Marx.

4. O Materialismo Histórico e a dialética

Dito isso, vamos analisar este conceito fundamental no pensamento de Marx, que é o *materialismo histórico e a visão dialética da história*. Ainda que a ideia de materialismo histórico-dialético seja retirada do pensamento de Hegel, porque no fundo sustentada no conceito de dialética, ainda assim existe uma grande diferença entre Hegel e Marx, dado que Marx é um materialista e Hegel é a expressão máxima do idealismo alemão. Hegel é a expressão máxima desta corrente filosófica que se conhece como idealismo alemão, que contempla também outros filósofos.⁵

Hegel é um idealista, em palavras extremamente simples, o idealismo de Hegel é um *idealismo absoluto*, segundo o qual a realidade é racional e se constitui historicamente no desenvolvimento do Espírito (*Geist*). A história não é caótica, mas um processo inteligível de realização progressiva da liberdade. Esse movimento ocorre de forma *dialética*, pela *superação* das contradições (*Aufhebung*). O Estado-nação moderno, para Hegel, representa a forma mais elevada da racionalidade ética e da liberdade objetiva. Assim, pensamento, história e realidade formam uma unidade inseparável.

O ponto de partida de Hegel na sua elaboração conceitual é o que ele chama de “eu absoluto”. Só para que se tenha uma noção do que estamos tentando explicar aqui, pensemos no espírito divino. Bom, é deste espírito, deste eu absoluto, que não tem nada de material, irá surgir a matéria e daí surge o homem. Qual é o entendimento de Marx?⁶ O

⁵ 1. **Immanuel Kant (1724–1804)**. Fundador do *idealismo transcendental*, segundo o qual conhecemos os “fenômenos” conforme as estruturas a priori da sensibilidade e entendimento, mas não as “coisas em si”. 2. **Johann Gottlieb Fichte (1762–1814)**. Desenvolveu o *idealismo subjetivo*, colocando o *Eu* como princípio ativo que produz o mundo da experiência por meio da atividade prática. 3. **Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775–1854)**. Formulou o *idealismo objetivo*, buscando superar a oposição entre natureza e espírito, concebendo ambos como manifestações do absoluto. 4. **Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831)**. Criador do *idealismo absoluto*, no qual realidade, história e razão se identificam dialeticamente no processo do Espírito. 5. **Friedrich Heinrich Jacobi (1743–1819)**. Crítico do racionalismo extremo do idealismo, defendia a *intuição imediata (fê)* como acesso ao absoluto, influenciando o debate idealista. 6. **Karl Leonhard Reinhold (1757–1823)**. Importante sistematizador e difusor do pensamento kantiano, contribuindo para a transição ao idealismo pós-kantiano.

⁶ Neste ponto vale a pena lembrar que a tese de doutoramento de Marx, na Universidade de Jena em 1841 quando Marx tinha 23 anos, versou sobre dois filósofos pré-socráticos materialistas, Epicuro e Demócrito, cujo título foi: *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro (Differenz der demokratischen und epikureischen Naturphilosophie)*. A tese compara as concepções de natureza destes dois filósofos gregos. Ambos materialistas e atomistas, mas Marx insiste que Epicuro não é um mero continuador de Demócrito, dado que este último, segundo Marx, segue um materialismo determinista, mecânico, no qual os átomos seguem leis necessárias, enquanto Epicuro expõe um materialismo não determinista, introduzindo o *clinamen* (o desvio espontâneo dos tomos), e, assim, é possível pensar em fenômenos como a liberdade, a contingência e a autonomia humana. Para Marx, Epicuro representa uma filosofia da natureza que abre

dado é o mundo que é matéria. É desta matéria que vai surgir o homem que, pela sua vez, produz as ideias. Deus é produto do homem que, pela sua vez, é produto da matéria. Então, da matéria surge a ideia. Em Hegel da ideia surge a matéria.

Em Marx a realidade material produz as condições de vida que expõem ao homem à sua circunstância existencial, da qual partiram todas as suas ideias de mundo, ou seja, as ideologias. Não é a ideia que produz a realidade, é a realidade que produz as ideias. mas dialeticamente se correlacionam e se sintetizam em uma *praxis social*.

Teses, anteses e sínteses. Vejam como este pensamento fundamental dentro do materialismo histórico-dialético, de alguma forma, está enraizado no pensamento de Montesquieu. Montesquieu é quem abre a porta para esse pensamento de Marx, claro, através de Hegel. (Castro, Olivieri e Lacerda, 2025a) Muitas vezes se coloca o pensamento de Marx como sendo um pensamento paralelo, aleio ao desenvolvimento da história do pensamento ocidental. No nosso entendimento, Marx é produto direto de toda a evolução do pensamento e da filosofia ocidental. Não somente por sua ligação estreita com o pensamento de Hegel, através do materialismo histórico-dialético, na visão dialética que ele tem da realidade, mas também nesse ponto que acabamos de colocar e que está anteriormente em Montesquieu.

Também quando Marx nos apresenta sua visão do Estado de Natureza. Na origem da família e da sociedade, nos relata um estado de natureza pacífico, em harmonia, em que os homens vivem em comunidade. E que os problemas começam justamente quando surge o Estado. Exatamente o que diz Jean-Jacques Rousseau na primeira metade do século XVIII. Uma ligação estreita com Rousseau também. Então, Marx não é um outsider ao pensamento ocidental. De longe, ele é produto direto do pensamento filosófico ocidental, apesar de muitos quererem colocá-lo em uma prateleira diferente.

4.1. As etapas da história: do escravagismo ao comunismo

Para Marx existem cinco etapas da história. A escravista, a feudal, a capitalista, a socialista e a comunista. Antes existe um estado de natureza, no qual o ser humano vive em comunidade, em que não existe a propriedade privada, porque o Estado é quem garante a propriedade privada, uma questão que Rousseau já tinha dito. E nada mais, nada menos que um dos pais do pensamento liberal, Thomas Hobbes, reafirma isso no seu *Leviatã*. (Castro, Olivieri e Lacerda, 2025 b e c)

Quando surge a primeira comunidade política, a primeira forma de Estado, que é a forma escravista, temos duas classes em conflito: os amos e os escravos. O que possuem os amos? Tudo. Eles possuem as terras, as riquezas, eles são possuidores até de sua família, isto quer dizer, são proprietários das suas mulheres, de seus filhos, de seus escravos, são proprietários de seus animais etc. O escravo não possui absolutamente nada, nem sequer ele é dono da própria existência. Ele não tem nada. Esta situação em que uns têm absolutamente tudo e outros, os escravos, têm absolutamente nada, vai produzir conflito, obviamente. E desta luta de classes vai surgir um novo momento histórico, que é a época feudal.

Na época feudal encontramos outras duas classes em conflito. Já não os amos, já não os escravos, mas sim o senhor feudal, os barões e os servos. Como é que se chega ao

espaço para a liberdade, enquanto Demócrito permanece preso ao necessitarismo. Observamos já aqui no jovem Marx uma preocupação filosófica profunda com a emancipação. (Marx, 2018)

feudalismo? Basicamente, nós temos o senhor feudal que é o chefe de um grupo armado, que tem a força.⁷ E aqui se cria um tipo de pacto: o senhor feudal vai conferir segurança aos súbditos, vai defender os servos, que são basicamente camponeses, de ataques de terceiro, porém os camponeses terão que entregar uma grande parte do produto do seu próprio trabalho para o senhor feudal. Todo tipo de bens e riquezas que eles têm serão entregues ao senhor feudal, ficando com o mínimo para o servo e sua família subsistirem, nada mais que subsistirem. E daí vai surgir o feudalismo. (Castro, Olivieri e Lacerda, 2024)

Primeiro se criam os muros para a defesa de ataques de terceiro, depois dentro desses muros vão se criar os palácios etc. E no final da Idade Média nós temos os senhores feudais enriquecidos e os servos continuando sendo servos. E isso vai produzir um conflito social que vai levar a um terceiro momento da história, junto com a Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Industrial do século XVIII, surgindo assim a sociedade capitalista.⁸

Quando surge o capitalismo, temos o burguês e o proletário. O proletário, em relação ao servo, ele ganha alguma coisa? Sim, ele ganha uma coisa que se chama salário. Ele é possuidor, quer dizer dono, da sua força de trabalho e vende para o burguês a sua força de trabalho. Qual o problema? Que o capitalista vai acumulando a riqueza e o salário não serve para acumular riqueza, serve para pagar as contas. Portanto, com o tempo, este abismo entre a burguesia e o proletariado só vai aumentando, e, portanto, aumentando o conflito e, a partir daí, virá, no entendimento de Marx, uma quarta etapa da história que é o socialismo.

A etapa socialista da história é que aquilo que Marx denomina “ditadura do proletariado”. O proletariado irá tomar o Estado com a missão de dismantelar o Estado burgues para chegar, portanto, à quinta etapa da história, que é a etapa comunista, em que o Estado não mais existe e, portanto, de alguma ou outra forma, estaríamos fazendo um “retorno” a uma espécie de Estado de natureza, mas agora com forças produtivas amplamente desenvolvidas pela própria sociedade capitalista, que ofereceriam um bem-estar -material e espiritual- geral a *toda a sociedade*.

⁷ Lembremos que estamos já no colapso do Império Romano, no final do século V. A Idade Média vai até o século XV, que é o século da Renascença. São dez séculos de Idade Média. Alta Idade Média e Baixa Idade Média.

⁸ Se perguntarmos, se houve um avanço da sociedade escravista para a feudal, Claro que sim houve avanço. Houve conquistas? Claro que houve conquistas. Porque o servo, pelo menos, não é escravo. Ele é dono de si e da sua vida. Pelo menos isso ele tem. Ele conquistou o que? Sua liberdade. em condições paupérrimas, mas ele não é mais um escravo.



Um ponto central nessa compreensão de Marx sobre a história reside em um certo determinismo ou ordem fixa no processo histórico. Da etapa escravista não se passa à etapa capitalista, da etapa feudal não se passa diretamente à etapa comunista. Cada etapa da história tem o seu *momentum*, seu tempo, tem seu amadurecimento, tanto das *condições objetivas*, que são basicamente a estrutura socioeconômica da sociedade e o grau de conflito entre as classes sociais, como das *condições subjetivas*, isto é, a conscientização da classe revolucionária de que é o momento de fazer a revolução.⁹

4.2. A alienação como categoria analítica: a alienação do trabalho na sociedade capitalista

Outra ideia fundamental em Marx é o conceito de *trabalho alienado*. Por que é tão problemático o fato de o proletário vender sua força de trabalho para o burguês? O trabalho no sistema capitalista, embora do ponto de vista formal é livre porque está baseado no contrato de trabalho entre duas pessoas livres, o capitalista e o proletariado, é, do ponto de vista concreto, trabalho forçado. Quer dizer, o trabalhador não trabalha pela sua vontade, senão que está obrigado a fazê-lo para satisfazer suas carências. Isto não tem nada a ver com a realização e desenvolvimento das potencialidades do homem.

O homem, quando trabalha, só consegue satisfazer as necessidades básicas, quer dizer, aquelas necessidades que surgem da sua condição animal, mas não aquelas que lhe fazem realizar sua essência humana. Desta maneira, o trabalho é uma *alienação*, isto é, estranho ao essencialmente humano. O tipo de trabalho que realizamos na sociedade capitalista nos impede de desenvolver a nossa condição propriamente humana, porque nos reduz simplesmente ao fato de ser como qualquer outro animal que começa e termina o seu dia procurando alimento para não morrer. Estamos exatamente nesta condição. (Marx, 2004)

⁹ Esse é um dos motivos de porquê Marx tinha grandes disputas com os anarquistas do seu tempo, já que o movimento anarquista entendia que era possível fazer a revolução independentemente destas fases da história. Pelo contrário, o pensamento de Karl Marx é fundamentalmente um produto direto do pensamento de Hegel.

O status social dos indivíduos, seu nível de vida, a satisfação das suas necessidades, sua liberdade e seu poder estão determinados pelo valor das suas mercadorias. As capacidades e necessidades dos indivíduos não são tomadas em conta para sua avaliação. Até os atributos mais humanos do homem se convertem numa função do dinheiro, o sucedâneo geral dos bens de consumo.

Na sociedade capitalista, o dinheiro significa o quê? O dinheiro significa qualquer tipo de bem. É o sucedâneo de qualquer tipo de bem de consumo. Assim, os homens, enquanto homens, não somente permanecem alienados de si mesmos, mas também permanecem alienados uns dos outros. Na sociedade capitalista, o valor de alguém, no fundo, vai depender do tamanho da sua carteira. Em outros termos, isso faz com que as relações entre os indivíduos na sociedade capitalista sempre estejam intermediadas pelo dinheiro, que é um sucedâneo dos bens, das mercadorias. Estamos alienados de nós mesmos, enquanto o trabalho nos impede de ser o que somos, aperfeiçoar nossa própria condição humana, porque estamos sempre nesse corre-corre pela mera sobrevivência, mas também nos aliena de uns em relação aos outros, porque os outros vão valer enquanto mercadorias.

5. A análise de Marx das relações internacionais: a sociedade internacional

Vamos tratar agora da visão marxista da sociedade internacional. Muitos têm se falado, sobretudo a partir da década de 1980, do chamado globalismo. O globalismo consiste no entendimento de que a sociedade configuraria uma *comunidade global*. Existiria, portanto, uma espécie de argamassa capaz de dar unidade a esse sistema de Estados-nações que, a primeira vista, parecem separados e dispersos: países que aparentam agir isoladamente, mas que, na realidade, compõem um *sistema inter-nacional*. Esse pensamento, que hoje conhecemos sob a terminologia de globalismo, na verdade já pode ser encontrado no pensamento de Marx.

Para Marx, o mundo constitui um sistema global, subjacente à comunidade de nações. Outro aspecto relevante é que a divisão desse sistema em Estados é histórica e, portanto, relativamente pouco importante. Por que histórica? Porque o Estado-nação surge apenas na segunda metade do século XVIII. No tempo de Marx, tratava-se de uma forma de organização com cerca de cem anos de existência e, portanto, muito recente, não apenas para aquele contexto, mas também quando considerada à luz da história da humanidade.

O Estado-nação é uma forma de organização política, social e administrativa extremamente recente e, em certa medida, efêmera. É importante ter isso claro, pois frequentemente temos a impressão de que os países sempre existiram. Contudo, o país, como Estado-nação, tal como o concebemos hoje, é uma forma histórica recente de organização da sociedade humana. Assim, a divisão do sistema em Estados é histórica e, por isso, secundária. Isso porque, para Marx, os atores fundamentais das relações internacionais são as *classes sociais*. São elas os verdadeiros agentes do sistema internacional, e não os Estados. No interior de todos os Estados-nações encontramos, fundamentalmente, duas classes: a burguesia e o proletariado. Essas classes constituem os *verdadeiros sujeitos das relações internacionais*.

Por esse motivo, as relações internacionais configuram um estado de conflito permanente. Nesse ponto, há certa aproximação com as teorias realistas das relações internacionais, tradicionais na análise do sistema internacional. No entanto, há uma

diferença fundamental: para Marx, esse conflito não se limita às relações entre Estados-nações. Trata-se de um conflito mais profundo e complexo. Em primeiro lugar, há um *conflito entre burguesias nacionais*, isto é, entre países. Uma burguesia nacional pode ter interesse nos recursos naturais ou no território de outro país, o que pode levar a conflitos ou guerras. Em segundo lugar, há o *conflito interno aos Estados*, entre proletariado e burguesia. Por fim, há um terceiro nível de conflito: entre o proletariado e a burguesia em *escala internacional*.

Nesse contexto, cabe lembrar que o *Manifesto do Partido Comunista* se encerra com o célebre chamado: “Proletários de todos os países, uni-vos!”. Essa conclamação expressa a ideia de uma possível -e necessária para uma revolução triunfante- aliança internacional do proletariado, em contraposição à já existente articulação entre burguesias nacionais.

Outro ponto relevante diz respeito à dinâmica do capitalismo. Movido pela busca constante por matéria-prima barata, mão de obra barata e novos mercados, o capitalismo tende a expandir-se para além das fronteiras nacionais, entrando em sua fase superior: o imperialismo. Esse fenômeno foi posteriormente desenvolvido conceitualmente por Lênin, mas já está presente, em germe, no pensamento de Marx.

O capitalismo, por sua própria natureza, ultrapassa fronteiras. Isso ocorre em razão de suas contradições internas. Quanto mais o capitalismo avança, mais necessita de matéria-prima, o que tende a encarecê-la, reduzindo as margens de lucro. Da mesma forma, o avanço das lutas sociais pressiona por melhores condições de trabalho, elevando o custo da mão de obra. Além disso, a expansão da produção leva à saturação dos mercados. Diante dessas contradições, o capitalismo é impelido a expandir-se globalmente em busca de novos recursos, mão de obra mais barata e novos mercados consumidores.

Contudo, quando o capitalismo se tornar efetivamente global, segundo Marx, iniciará simultaneamente o seu declínio, pois não haverá mais para onde exportar suas contradições. O triunfo do capitalismo, nesse sentido, anuncia o seu próprio declínio. Uma vez que todo o planeta esteja integrado ao sistema capitalista, não haverá mais fronteiras externas que permitam aliviar suas tensões internas.

Essa ideia implica que todas as nações, antes de sucumbirem, tenderiam a adotar o modo burguês de produção. À medida que a burguesia se desenvolve, o comércio internacional se expande e o mercado mundial se consolida, as diferenças nacionais tendem a se reduzir. Observa-se, então, uma crescente uniformização das condições de existência, dos modos de produção e, em certa medida, dos estilos de vida.

Por fim, Marx também reconhece o caráter profundamente transformador do capitalismo. Trata-se de um sistema que gerou níveis de riqueza inéditos na história humana. Contudo, esse mesmo sistema, impulsionado pela busca incessante do lucro, só consegue se sustentar ao expandir-se continuamente. Ao atingir seus limites globais, esbarra em contradições insuperáveis.

Entretanto, a realidade histórica mostrou que o capitalismo é capaz de reagir dialeticamente a essas contradições. Diante do encarecimento da matéria-prima, investe em ciência e tecnologia, criando substitutos sintéticos. Diante do aumento do custo da mão de obra, desenvolve a automação e a robótica. E, diante da saturação dos mercados, cria formas novas de estimular o consumo, como o marketing, que atua na criação de necessidades. Essas respostas, contudo, geram novas contradições, como o desemprego

estrutural decorrente da automação. Assim, a análise da sociedade revela-se sempre mais complexa do que qualquer modelo teórico pode antecipar.

6. Conclusões

Frisamos ao início do artigo que Marx tem como eixo central da sua cosmovisão filosófica a ideia de que a filosofia não somente deve interpretar a realidade, mas, sobretudo, assumir a tarefa de *transformar a realidade*. Analisamos a seguir que a disputa ideológica no que diz respeito à interpretação da obra de Marx acontecida ao longo do século XX e início do século XXI, contamina qualquer tipo de análise que possamos fazer da sua obra, levando a análises viesadas e, assim, a conclusões erradas.

Apesar de não existirem mais a União Soviética, nem a Guerra Fria, e que caiu o muro de Berlim em 1989, vemos claramente como continua, de alguma forma, esta guerra ideológica que contamina uma análise rigorosa das ideias e conceitos de Marx, tanto quanto pensar que autores que são pós-Marx, com ideias que são originais deles, refletem exatamente as ideias de Karl Marx.

Mostramos que Marx considerava que a revolução aconteceria justamente naquelas sociedades em que o capitalismo fosse mais exitoso e mais avançado economicamente, especificamente na Inglaterra da sua época, porque seria aí que as contradições de classe iriam acontecer de forma mais aberta e cruéis, o que daria lugar *necessariamente* à revolução.

Após disso, analisamos um conceito fundamental no pensamento de Marx: o *materialismo histórico e a dialética*. Ainda que a ideia de materialismo histórico-dialético seja retirada do pensamento de Hegel, porque sustentada rigorosamente no conceito de dialética, ainda assim existe uma grande diferença entre Hegel e Marx, dado que Marx é um materialista e Hegel é a expressão máxima do idealismo alemão. Com efeito, em Marx a realidade material produz as condições de vida que expõem ao homem à sua circunstância existencial, da qual partiram todas as suas ideias de mundo, ou seja, as ideologias. Não são as ideias que produzem a realidade, é a realidade que produz as ideias, mas dialeticamente e se correlacionam e se sintetizam em uma *praxis social* específica.

A época de Marx, a época do capitalismo da burguesia emergente, caracterizou-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas, a burguesia e o proletariado. Os que têm os meios de produção, os que têm o capital, os que têm as terras, os que têm as máquinas, os que têm as fábricas, os que têm a propriedade dos meios de produção, e aqueles que não têm outra coisa a não ser sua força de trabalho, que precisam vender no mercado para poder sobreviver. Esta é a situação do capitalismo na segunda metade do século XIX, segundo o entendimento de Marx.

O tipo de trabalho que realizamos na sociedade capitalista nos impede de desenvolver a nossa condição propriamente humana, porque nos reduz simplesmente ao fato de ser como qualquer outro animal que começa e termina o seu dia procurando alimento para não morrer. O homem, quando trabalha, só consegue satisfazer as necessidades básicas, quer dizer, aquelas necessidades que surgem da sua condição animal, mas não aquelas que lhe fazem realizar sua essência humana. Desta maneira, o trabalho é uma alienação, isto é estranho ao essencialmente humano.

Para Marx, o mundo constitui um sistema global, subjacente à comunidade de nações. Outro aspecto relevante é que a divisão desse sistema em Estados é histórica

porque o Estado-nação surge apenas na segunda metade do século XVIII. No tempo de Marx, tratava-se de uma forma de organização com cerca de cem anos de existência e, portanto, muito recente, não apenas para aquele contexto, mas também quando considerada à luz da história da humanidade. Os atores fundamentais das relações internacionais são as *classes sociais*. São elas os verdadeiros agentes do sistema internacional, e não os Estados. No interior de todos os Estados-nações encontramos, fundamentalmente, duas classes: a burguesia e o proletariado. Essas classes constituem os *verdadeiros sujeitos das relações internacionais*.

7.Referências

- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. A Teoria Política no Império Romano e na Idade Média. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*: v. 16 n. 50, 2024.
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. A Teoria Política de Montesquieu: as Visões da História e o Estado de Natureza. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n.14, jul-dez., 2025a.
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. Thomas Hobbes: O Estado de Natureza e a Formação do Estado. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n.13, jan.-jun., 2025b)
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. Thomas Hobbes e a Teoria do Estado. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n.13, jan.-jun., 2025c.
- MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. SP: editorial Centaur, 2012.
- MARX, Karl. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*. RJ: Bontempo editorial, 2018.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. RJ: Bontempo editorial, 2004.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. SP: editora Lafonte, 2025.